O CARMO: DE IGREJA A MUSEU
150 ANOS EM TORNO DA SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO (CARMELITA) PORTUGUÊS

Célia Nunes Pereira

Conservadora do Museu Arqueológico do Carmo, Investigadora do CIEBA (CIEBARTE/FBAUL) / Lisboa
celianunespereira@gmail.com

RESUMO

A igreja do Carmo de Lisboa (1389) tornou-se num dos monumentos mais representativos do património carmelita português, devido às suas largas riquezas artísticas. Em períodos conturbados (terramoto de 1775 e extinção das ordens religiosas, em 1834) a comunidade carmelita desempenha um papel fundamental na preservação do espólio sobrevivente, continuado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, fundada em 1863 nas ruínas da antiga igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Carmo | Salvaguarda | Património | Ordem Terceira do Carmo | Associação dos Arqueólogos Portugueses

ABSTRACT

The church of Carmo of Lisbon (1389) has become one of the most representative monuments of the Portuguese Carmelite Heritage, due to its wide artistic riches. In troubled periods (1775 earthquake and the extinction of the religious orders in 1834), the Carmelite community played a key role in preserving the surviving estate, continued by the Association of Portuguese Archaeologists (1863) based on the ruins of the ancient church.

KEYWORDS

Carmo | Protection | Heritage | Ordem Terceira do Carmo | Associação dos Arqueólogos Portugueses

A IGREJA DO CARMO DE LISBOA. NOTAS SOBRE O SEU ESPÓLIO DISPERSO

Fundada por D. Nuno Álvares Pereira, em 1389, a Igreja de Santa Maria do Convento do Carmo cedo se tornou uma das mais prestigiadas igrejas de Lisboa, graças ao avultado património artístico e terra-tenente que foi angariando através de várias doações e mercês ao longo de vários séculos, engrandecendo o património carmelita português.

Foi vasto e rico o rol de artistas que trabalharam para o enriquecimento artístico deste templo, desde a idade média até finais da época do barroco, destacando-se neste último período a actividade de alguns pintores como André Reinoso, Simão Rodrigues, Domingos Vieira Serrão, Marcos da Cruz, Francisco Vieira Lusitano e Bento Coelho da Silveira, a escola de André Gonçalves (entre outros), o organista Johann Heinrich Hulenkampf e os escultores Diogo de Çarça e José de Almeida.

Mesmo tendo o edifício ficado arruinado devido ao terramoto de 1755, e larga percentagem do seu acervo ter perecido no incêndio subsequente, a documentação e o espólio remanescente (PEREIRA 2010), revelam que uma parte significativa da colecção sobreviveu e foi preservada inicialmente pela comunidade carmelita sobrevivente e mais tarde pela Venerável Ordem Terceira do Carmo (entre outras instituições de foro laico e religioso como a igrejas do Sacramento e de Santa Catarina em Lisboa, a igreja da Charneca do Lumiar, o Convento de S. Domingos das Donas de Santarém e a Academia de Belas-Artes de Lisboa), as quais também se encarregaram da realização de novas encomendas. Esse espólio é constituído actualmente por cerca de cinco dezenas de peças, que se dividem sobretudo entre as áreas da pintura e da escultura (PEREIRA 2010: 150-170, 184-190). Citando-se muito sumariamente algumas das obras mais importantes, vejam-se os retábulos de altar como o do *Julgamento de Santa Catarina* (c.1620-1630), a *Comunhão da Virgem por S. João Baptista* (c.1624) e o *Menino entre os Doutores* (c.1611), existentes no Museu Nacional de Arte Antiga, o conjunto de seis telas alusivas à Via Sacra (c.1740-1750?) que pertencem ao santuário da capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Lisboa, as esculturas

Fig.1 · Ruínas da antiga Igreja do Carmo, 1389; Museu Arqueológico do Carmo, Lisboa.
(fot. de Célia Nunes Pereira)

dos bispos carmelitas guardadas na Igreja de Santa Catarina do Monte Sinai (ou dos Paulistas), ou ainda toda a estrutura seiscentista de altar e respectivas esculturas que compõem o altar-mor da capela do antigo convento do Carmo de Colares, em Sintra.

A este espólio juntam-se outros acervos de que temos notícia, mas que nunca foram localizados, como é o caso das obras provenientes da biblioteca conventual carmelita que escaparam ao incêndio de 1755 – «De acordo com um ofício de 3 de Novembro de 1835, de Joaquim de Oliveira Olimpo, há indícios de que os livros da biblioteca foram para o depósito geral das livrarias» (BARATA 2003) – ou das 42 pinturas inventariadas na «Relação dos quadros do extinto Convento do Carmo de Lisboa que forão conduzidas para o deposito Geral de S. Francisco no dia 10 de Novembro de 1835» (BARATA 2003).

Esta listagem de bens que temos vindo a referir revela-se surpreendente, tanto no que respeita à quantidade de peças localizada como à sua qualidade de execução artística, comprovando que as fontes documentais anteriores a 1755[1] relatam factos verídicos com muita precisão quando nos descrevem as faustosas encomendas artísticas que eram feitas pela Ordem do Carmo e seus benfeitores. Como já tivemos ocasião de referir a preocupação em encomendar de peças de bom labor artístico, continua a ser uma prioridade depois do cataclisma, o que se avalia através de obras como o notável conjunto de esculturas de vulto dos *Passos do Triunfo da Paixão Cristo* (1758-1760) [fig.2, fig.3, fig.4] mandado executar a José de Almeida (1708-†1769), pela Venerável Ordem Terceira do Carmo, para substituir o que havia sido destruído[2] (PEREIRA 2010-2011: 209-213). A par desta e de outras encomendas de arte móvel, continuam os investi-mentos na reconstrução (iniciada logo em 1756) da igreja e do convento carmelita e inicia-se a construção de um novo hospital[3] (PEREIRA 2010-2011: 207-209) e capela da Ordem Terceira, sitos no Largo do Carmo, onde até hoje se preserva o acervo artístico carmelita mais representativo do centro de Lisboa. É importante evidenciar o admirável desempenho desta irmandade, no que respeita à preservação do todo esse património exercendo um efectivo papel de sua guardiã, o qual se intensificou após a extinção das ordens em 1834, com a solicitação que dirigem formalmente ao Bispo de Lacedemónia em 1836, pedindo a guarda desse espólio[4]. Mesmo antes dos acontecimentos despoletados pela laicização dos bens eclesiásticos em Portugal, verifica-se que a Ordem Terceira exerceu uma posição muita atenta e activa relativamente à preservação dos seus bens, logo no principio dos movimentos liberais, o que é testemunhado a partir dos diversos inventários de bens artísticos elaborados entre 1792 e 1918[5], preenchidos de notas sobre empréstimos, permutas e restauro dos mesmos. Entre estes destaca-se o inventário datado de 18076, onde foram acrescentadas algumas pequenas anotações identificando o destino para o qual tinham sido confiscadas as peças seleccionadas pelo General Junot. Desta forma vemos reflectida não apenas uma posição consciente em relação às mudanças que estavam a ocorrer e que era preciso "anotar" para documentar, mas também uma atitude de salvaguarda em relação a esse património que urgia proteger.

Depois de 1834, as obras de reconstrução do edifício da igreja e suas dependências conventuais são completamente abandonadas, e até mesmo o intuito de zelar pelo que resta do antigo espaço religioso se torna um objectivo difícil de alcançar, pois parte dele é (re)utilizado como cavalariça e estrumeira da Guarda Municipal[7]. Esta situação toma outro rumo só em 1863, quando Joaquim Possidónio da Silva funda a sede da *Associação dos Architectos Civis e Archeologos*

1. Biblioteca Nacional de Portugal (B.N.P.), *Noticias do Real Conv*[en]*to do Carmo de L*[i]*x*[bo]*a Occid*[dent]*al extraidas de varios livros impressos, e Manuscritos, reduzida a forma historica pello prezentado Fr. M*[anu]*el de Sa*, Lixboa, 1721; SANTA ANA, José Pereira de, Chronicas dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios, Tomos I e II, 1745.
2. Arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo (A.V.O.T.C.), *Contrato da encomenda das esculturas dos Passos do Triunfo da Paixão de Cristo, Despezas 1758-1763*, Caixa 33 (documento não numerado).
3. A.V.O.T.C., *Livro de Receita e Despeza Geral na reedificação do Hospital de Venerável Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Lisboa*, anno 1774 (Inédito).
4. Arquivo do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (I.H.R.U.), Ficha IPA – *Igreja da Ordem Terceira do Carmo*: PT031106227059 9.
5. A.V.O.T.C., *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1792* (inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1888* (inédito); *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1918* (inédito).
6. A.V.O.T.C., *Inventário dos bens da Ordem Terceira em 1807* (inédito).
7. Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa/Alto da Eira, *Correspondência do Commando Geral das Guardas Municipaes, de 1834 a 1865*, Ofício n.º 361, 23 de Julho de 1864.
8. Actualmente designada de Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Fig.2, 3 e 4 · Passos do Triunfo da Paixão de Cristo (Jesus Cristo preso; Jesus Cristo sentado na pedra fria; Jesus Cristo atado à coluna), 1758- 1760, José de Almeida (1708-†1769); Capela da Venerável Ordem Terceira do Carmo, Lisboa. (Fot. Célia Nunes Pereira)

Portuguezes[8] (ARNAUT 2013) nesse local, sendo-lhes inicialmente apenas cedida a zona das antigas naves da igreja, onde acondicionaram o legado patrimonial que viria a dar origem ao Museu Arqueológico do Carmo (1864) (ARNAUT *et al.* 2005).

Esta instituição nasce sob o mote da salvaguarda do património português, tendo como matriz de orientação primitiva «[…] a concentração de esforços de divulgação, valorização e protecção da arquitectura (…)» (SOARES 2001: 143), usando as intervenções que executaram no Carmo como um exemplo da política de protecção patrimonial que era necessário implementar a nível nacional. Neste sentido o Carmo torna-se alvo de um longo processo de várias campanhas de restauro durante a 2.ª metade do século XIX e princípios do século XX, a par das quais são criados alguns projectos de acabamento do espaço em ruínas, que acaba por ser assumido como um local de manifesto e de apelo a uma tomada de consciência pública sobre as circunstâncias em que havia sido lançado o património português desde 1834. Posição preponderante que a Associação dos Arqueólogos Portugueses tem procurado continuar a exercer até hoje, assinalando 150.º anos de luta pela preservação e defesa do património (no seu sentido mais lato) que foi transferido da esfera religiosa para a esfera civil, como um bem representativo que é de todos.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Arquivo da Veneravel Ordem Terceira do Carmo (A.V.O.T.C.), *Livro da Receita e Despeza Geral na reedificação do Hospital da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, anno 1774 [inédito].

Biblioteca Nacional de Portugal (B.N.P.), *Noticias do Real Conv*[en]*to do Carmo de L*[i]*x*[bo]*a Occid*[dent]*al extraidas de varios livros impressos, e Manuscritos, reduzida a forma historica pello prezentado Fr. M*[anu]*el de Sa*, Lixboa, 1721.

____ – *Memorias Historicas da Ordem de Nossa Senhora do Carmo da Província de Portugal, de Frei Manoel de Sá*, Tipographya de Jose Antonio da Sylva, Lisboa, 1727.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, José M., Carla V. Fe*rnandes – Construindo a Memória – Colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005.

ARNAUD, José M. – *Memória e Intervenção – 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2013.

BARATA, Paulo J. S. – *Livros e o Liberalismo – da livraria conventual à biblioteca pública, uma alteração de paradigma*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 2003.

PEREIRA, Célia Nunes – «Notas sobre a capela e arquivo da Venerável Ordem Terceira do Carmo de Lisboa (1756-1834) – guardiães do património carmelita». *Arqueologia e História*, Vol.62-63. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2010-2011, p. 205-214.

____ – *A arte na igreja do Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa (1389/1755) – contributos para o seu estudo cripto-histórico*. Dissertação de mestrado em Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010 [no prelo].

SANTA ANA, José Pereira de – *Chronicas dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia nos Reynos de Portugal, Algarves, e seus Dominios*. Tomos I e II, 1745.

SOARES, Maria Margarida V. J. G. – *Igreja de Santa Maria do Monte do Carmo de Lisboa – Memória e Ruína*. Tese de mestrado em Arte, Património e Restauro. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001 [policopiada].

VELASCO BAYÓN, Balbino – *A História da Ordem do Carmo em Portugal*. Lisboa: Paulinas, 2001.